



# Resolução de ambiguidade anafórica em português, inglês e espanhol: comparação de dados obtidos com falantes de PE e PB

## Resolution of ambiguous anaphora in Portuguese, English, and Spanish: comparison of data obtained from EP and BP speakers

*Amanda Maraschin BRUSCATO\**

*Jorge BAPTISTA\*\**

**RESUMO:** Este artigo dá continuidade a um estudo piloto e compara os dados obtidos com falantes portugueses e brasileiros na tarefa de resolução de ambiguidade anafórica em português, inglês e espanhol. As respostas foram comparadas, também, às respostas de falantes nativos das línguas estrangeiras. A análise baseia-se em um questionário online respondido por 52 estudantes universitários no Brasil e em Portugal. O instrumento investigou a resolução de anáfora intrafrásica, considerando como variáveis a ordem das orações, a saliência ou não do sujeito, e a escolha dos verbos. Concluiu-se que, em português e espanhol, os falantes pareciam seguir a Estratégia da Posição do Antecedente (CARMINATI, 2002) nas frases consideradas “neutras” semanticamente, mas não nas “tendenciosas”. Em relação à língua inglesa, os falantes nativos tendiam a interpretar o pronome em posição de sujeito da oração subordinada como correferente ao sujeito da oração

**ABSTRACT:** This paper follows a pilot study and compares data obtained from Portuguese and Brazilian native speakers in the task of resolving ambiguous anaphora in Portuguese, English, and Spanish. Their responses were also compared to those from native speakers of the mentioned foreign languages. The analysis was based on an online survey answered by 52 college students in Brazil and Portugal. The instrument was used to analyse intrasentential anaphora resolution in the three languages, measuring as variables clauses order, anaphor salience, and verb choice. In Portuguese and Spanish, students seemed to follow the Position of Antecedent Strategy (CARMINATI, 2002) in sentences considered semantically “neutral”, but not in the “biased” ones. In English, native speakers tended to interpret the pronoun in subject position of subordinate clause as corresponding to the subject of the main clause. English learners, however, have been generally

\* Doutoranda em Ciências da Linguagem na Universidade do Algarve. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0660-9098>. [amandabruscato@gmail.com](mailto:amandabruscato@gmail.com)

\*\* Doutor em Linguística, Professor Associado na Universidade do Algarve e Investigador no INESC-ID Lisboa/HLT. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4603-4364>. [jbaptis@ualg.pt](mailto:jbaptis@ualg.pt)

---

principal. Os aprendizes de inglês, por outro lado, mostraram-se geralmente indecisos quanto à melhor alternativa. Esta pesquisa contribui para o estado da arte não apenas por explicitar critérios para a construção das frases do teste e por realizar um estudo comparativo em três línguas, mas também por tentar demonstrar, com dados quantitativos, que, ao determinar a escolha dos verbos, altera-se a estratégia utilizada para a resolução da ambiguidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ambiguidade. Estratégias linguísticas. Resolução de anáfora.

uncertain about the best alternative. This research contributes to the art state not only by making explicit the testing sentences set development and by conducting a comparative study in three languages, but also by trying to demonstrate with quantitative data that the verb choice affects strategy used to resolve ambiguity.

**KEYWORDS:** Ambiguity. Linguistic strategies. Anaphora resolution.

---

## 1 Introdução

Este estudo, dando continuidade a um estudo piloto (BRUSCATO; BAPTISTA, no prelo), analisa a resolução de ambiguidade anafórica em português, inglês e espanhol como primeira língua (L1) e como segunda língua (L2). Um questionário online foi aplicado a estudantes nacionais e estrangeiros da Universidade do Algarve, em Portugal. Este mesmo questionário, em um segundo momento, foi aplicado a estudantes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no Brasil, de modo a comparar os dados obtidos com falantes de duas variedades da língua portuguesa. Neste artigo, apresentam-se tais resultados.

A *anáfora*, cujo significado etimológico é “repetição” (NASCENTES, 1955, p. 28), pode ser definida como a relação entre dois elementos linguísticos, em que a interpretação do elemento anafórico é determinada pela interpretação de seu antecedente (HUANG, 2000, p. 1). Quando o antecedente de fato antecede o elemento anafórico (*anaphor*), há referência anafórica/anáfora. Quando o elemento anafórico aparece primeiro, no entanto, há referência catafórica/catáfora. O termo *anáfora* é

utilizado na literatura e neste artigo para fazer referência tanto a casos de anáfora como de catáfora, ilustrados nos exemplos (1) e (2)<sup>1</sup>.

(1) *Ana beijou Paulo<sub>i</sub> quando ele<sub>i</sub> acordou.*

(2) *Quando ele<sub>i</sub> acordou, Ana beijou Paulo<sub>i</sub>.*

A anáfora é um mecanismo de referência necessário à coesão textual. Para Halliday e Hasan (1976, p. 4), o conceito de *coesão* é de natureza semântica e refere-se às relações de sentido existentes entre as diferentes expressões no texto e que são responsáveis por conferir-lhe unidade. Os autores dividem o conceito de coesão em *coesão gramatical* (em que há, por exemplo, a substituição pronominal e a elipse) e em *coesão lexical* (em que há repetição nominal). As relações anafóricas podem se estabelecer tanto entre elementos da mesma frase (intrafrásico) como entre frases (transfrásico). Nesta investigação, serão analisados contextos intrafrásicos de anáfora correferencial por substituição pronominal e por elipse.

Em casos de anáfora correferencial, o elemento anafórico retoma a menção de uma mesma entidade no texto, como se vê em (3) com o pronome *ele* e a elipse (ou *redução a zero*, representada por  $\emptyset$ ). Por outro lado, na anáfora não correferencial, exemplificada em (4), o elemento anafórico apoia-se na interpretação de seu antecedente para introduzir a menção de uma nova entidade.

(3) *Ana<sub>i</sub> abraçou e  $\emptyset$ <sub>i</sub> beijou Paulo<sub>j</sub> quando ele<sub>j</sub> a<sub>i</sub> pediu em casamento.*

(4) *Dizem que ter um animal de companhia<sub>i</sub> é bom para a saúde. Quando adotei o meu gato<sub>j</sub>, fiquei muito contente.*

(5) *Mateus<sub>i</sub> assediou Jorge<sub>j</sub> quando ele<sub>i,j,k</sub> o<sub>i,j,k</sub> entrevistou.*

Enquanto os exemplos (3) e (4) não levantam grandes questões acerca dos antecedentes das anáforas, a frase (5) é considerada ambígua, pois é possível que o

---

<sup>1</sup> Neste trabalho, serão utilizados os índices (i, j, k) para indicar a correferência entre as expressões anafóricas e seus antecedentes. Por convenção, os índices *i* e *j* serão usados para as entidades mencionadas na frase e o índice *k* será utilizado quando a anáfora se referir a uma outra entidade que não as mencionadas na frase.

sujeito da oração subordinada seja o mesmo sujeito da oração principal (*Mateus*), o complemento da oração principal (*Jorge*) ou outro referente. O mesmo pode-se dizer acerca do complemento da oração subordinada; não sendo, contudo, possível que o sujeito e o complemento da oração subordinada fizessem referência a um mesmo antecedente. Considerando as outras possibilidades, esta pesquisa pretende investigar como os falantes de português, inglês e espanhol resolvem a ambiguidade anafórica nessas línguas tanto em L1 como em L2.

Na próxima seção, serão revistas algumas teorias acerca do tema. Baseando-nos na Estratégia da Posição do Antecedente (CARMINATI, 2002), que será discutida a seguir, temos como hipótese que ela seja seguida por falantes de português e espanhol, mas não por nativos de inglês.

Após a revisão da literatura, os métodos de pesquisa serão especificados; finalmente, os resultados serão descritos; ao fim, conclui-se o trabalho com indicações para investigações futuras.

## 2 Pressupostos teóricos

A resolução de ambiguidade anafórica, ou seja, a determinação do antecedente de uma anáfora quando esta é ambígua, tem sido tema de investigação linguística há décadas. Nesta revisão, serão apresentadas algumas das principais teorias desenvolvidas sobre o assunto.

De acordo com Chomsky (1981), os seres humanos nascem com a faculdade da linguagem, conhecendo princípios universais às línguas e selecionando os parâmetros específicos à sua L1. Conforme o Parâmetro do Sujeito Nulo (CHOMSKY, 1981; RIZZI, 1982), há línguas de sujeito obrigatório, como a língua inglesa, e línguas de sujeito nulo, como a língua espanhola e a língua portuguesa. Os sujeitos anafóricos nestas línguas românicas, portanto, podem ser expressos tanto por anáfora pronominal quanto por anáfora zero, como se vê nas frases a seguir.

(6a) *María<sub>i</sub> hace lo que ella<sub>k</sub> quiere.*

(6b) *María<sub>i</sub> hace lo que Ø<sub>i</sub> quiere.*

(7a) *Maria<sub>i</sub> faz o que ela<sub>i,k</sub> quer.*

(7b) *Maria<sub>i</sub> faz o que Ø<sub>i</sub> quer.*

(8a) *Mary<sub>i</sub> does what she<sub>i,k</sub> wants.*

(8b) *\*Mary does what Ø wants.*

Visto que tanto a alternativa *a* (anáfora pronominal) como a alternativa *b* (anáfora zero) são gramaticais em português e espanhol, os falantes tendem a diferenciar a resolução anafórica ao relacionar a elipse ao sujeito da oração principal e o pronome a outro referente. Em inglês e em português brasileiro, no entanto, os falantes podem relacionar o pronome tanto ao sujeito da oração principal como a outro referente, apesar de, em inglês, a tendência ser relacioná-lo ao sujeito da oração principal (CRAWLEY; STEVENSON; KLEINMAN, 1990).

A diferença no uso e na interpretação dos pronomes pessoais entre português europeu e português brasileiro seria consequência da redução do paradigma flexional do português brasileiro, apresentado no Quadro 1. Para diversos linguistas (KEMPCHINSKY, 1984; TARALLO, 1996; DUARTE, 2000; KATO, 2000; HOLMBERG; NAYUDU; SHEENAN, 2009), o português brasileiro caracteriza-se atualmente como uma língua que não se comporta totalmente nem como as línguas de sujeito nulo nem como as línguas sem sujeito nulo.

Quadro 1 – Paradigmas pronominais e flexionais em PB.

Pess./Nº	Pronome	Paradigma 1	Paradigma 2	Paradigma 3
1ª sing.	Eu	am o	am o	am o
2ª sing.	Tu	am a s	-	-
	Você	am a	am a	am a
3ª sing.	Ele/Ela	am a	am a	am a
1ª plur.	Nós	am a mos	am a mos	-
	A gente	-	am a	am a
2ª plur.	Vós	am a is	-	-
	Vocês	am a m	am a m	am a m
3ª plur.	Eles/Elas	am a m	am a m	am a m

Fonte: Duarte (1995).

Independentemente da classificação atual do português brasileiro como língua de sujeito nulo ou de sujeito nulo parcial, a questão que permanece é: o que determina a resolução de ambiguidade anafórica? De acordo com a Hipótese da Vantagem da Primeira Referência de Gernsbacher e Hargreaves (1988), a primeira referência introduzida no discurso tende a ser mais facilmente recuperada, independentemente de sua função sintática. Já para Chambers e Smyth (1998), tudo dependerá da posição sintática do antecedente e da expressão anafórica. Os autores propuseram a Hipótese do Paralelismo Estrutural, sugerindo que o pronome em posição de sujeito tende a ser interpretado como correferente ao sujeito da oração anterior, enquanto o pronome em posição de complemento tende a ser interpretado como correferente ao complemento da oração anterior.

Para Levinson (1987), a interpretação da expressão anafórica como correferente ao sujeito da oração anterior dependerá do uso de uma “menor” forma de anáfora. O autor, no entanto, apresenta apenas duas possibilidades: leitura correferencial ou leitura disjunta. Ariel (1990), então, propõe a Teoria da Acessibilidade, afirmando que quanto mais acessível estiver o antecedente, menos informação será necessária para a expressão anafórica. Desta forma, a anáfora zero seria utilizada para recuperar antecedentes mais salientes, seguida pela anáfora pronominal sem ênfase e, depois, pela anáfora pronominal com ênfase. Enquanto Ariel defende que o grau de acessibilidade depende de uma série de fatores, outros estudos buscaram descobrir qual ou quais fatores são determinantes para a resolução anafórica.

Gordon, Grosz e Gilliom (1993) propuseram a Teoria da Centralidade, chamando de *centros antecipatórios* os antecedentes e de *centros retroativos* as expressões anafóricas. Os autores explicam que os centros são ordenados e que a repetição do nome em posição de sujeito acarretaria uma penalidade, o que denominaram Penalidade do Nome Repetido. Lezama (2008), posteriormente, propôs em relação ao espanhol a Penalidade do Pronome Pleno, afirmando que o uso do pronome em

posição de sujeito para recuperar o sujeito da oração anterior também constituiria uma penalidade. Maia (2013) testou as duas hipóteses em português brasileiro e europeu e concluiu que, enquanto a Penalidade do Pronome Pleno ocorre nas duas variedades da língua, a Penalidade do Nome Repetido foi constatada apenas em português europeu. A existência da Penalidade do Pronome Pleno em português brasileiro contrariaria os estudos de Duarte (2000) e dos outros autores que defendem a mudança dessa variedade da língua em relação ao Parâmetro do Sujeito Nulo. No entanto, Maia (2013, p. 84) explica que “estruturas de língua escrita e de língua falada não parecem ser processadas da mesma maneira pelos leitores, e que a presença de estruturas típicas da fala na escrita gera certo estranhamento ou dificuldade durante o processo de compreensão linguística”. Ademais, o autor justifica os resultados surpreendentes apoiando-se em Cabana (2004) e afirmando que são os falantes “de Belo Horizonte (de onde também foi selecionada a maior parte dos participantes desta pesquisa) os mais resistentes à mudança em direção ao preenchimento da posição de sujeito” (MAIA, 2013, p. 92).

Em relação ao processamento da anáfora nominal, Almor (1999) propôs a Hipótese da Carga Informacional, sugerindo que as expressões anafóricas têm diferentes custos de processamento, dependendo da saliência do antecedente e da quantidade de informação que carregam. O autor sugere uma hierarquia entre os diferentes tipos de sintagmas nominais, e defende que utilizar uma forma mais informativa para retomar um antecedente saliente acarretaria um alto custo de processamento.

No século XXI, Carminati (2002) propôs a Estratégia da Posição do Antecedente para a língua italiana. A autora afirma que a elipse em posição de sujeito da oração subordinada recebe uma leitura correferente ao sujeito da oração principal, enquanto o pronome recebe uma leitura correferente ao complemento da oração principal. Sua hipótese foi confirmada por Alonso-Ovalle e colegas (2002) para a língua espanhola,

por Sorace e Filiaci (2006) para a língua italiana e por Lobo e Silva (2016) para a língua portuguesa. Sorace e Filiaci pediram que os participantes selecionassem a imagem que representava sua leitura de cada frase, como o exemplo (9) abaixo, e, diferentemente dos outros estudos, descobriram que, em frases com catáfora pronominal, a maioria dos falantes nativos (64%) relacionava o pronome a um referente distinto quer do sujeito quer do complemento da oração principal.

(9) *Enquanto ela<sub>i,j,k</sub> veste o casaco, a mãe<sub>i</sub> dá um beijo na filha<sub>j</sub>.*

Figura 1 – Exemplo Sorace e Filiaci (2006).



Fonte: Sorace e Filiaci (2006).

A resolução de catáfora exigiria um processamento maior do que a resolução de anáfora. Kazanina e colegas (2007) investigaram a resolução de catáfora pronominal em inglês e propuseram a hipótese de Mecanismo de Busca Ativa, de acordo com a qual os falantes interpretariam o pronome catafórico como correferente ao sintagma nominal mais próximo da expressão catafórica. Tais resultados também foram encontrados por Gompel e Liversedge (2003).

Enquanto, nas línguas portuguesa e espanhola, há a diferença entre anáfora zero e anáfora pronominal, pesquisadores como Akmajian e Jackendoff (1970), Szwedek (1980) e Luján (1986) defendem que, em inglês, a equivalência seria aos pronomes sem ênfase por um lado e aos pronomes com ênfase por outro. Assim, o pronome não enfático em posição de sujeito da oração subordinada seria correferente ao sujeito da oração principal, enquanto o emprego da ênfase no pronome impediria tal interpretação. No entanto, os autores fizeram essas propostas de análise sem



recolher dados com falantes nativos. Em contrapartida, Valenzuela, Liceras e Morelos (2011) concluíram com seu estudo que, para os falantes nativos de inglês, o emprego enfático do pronome não acarretava diferença significativa na resolução de ambiguidade.

De modo a comparar a resolução de ambiguidade anafórica em inglês e em espanhol como L1 e L2, Valenzuela, Liceras e Morelos (2011) realizaram dois estudos em que utilizaram 24 frases com orações subordinadas, das quais metade apresentava catáfora e a outra metade apresentava anáfora. Em língua espanhola, metade das anáforas/catáforas era elíptica e a outra metade era pronominal. Em língua inglesa, metade apresentava um pronome não enfático e a outra metade apresentava ênfase no pronome (que era representado por letras maiúsculas), como se vê respectivamente em (10a) e (10b):

(10a) *Alex<sub>i</sub> bumped into John<sub>j</sub> while he<sub>i,j</sub> was riding his<sub>i,j</sub> bike.*

(10b) *Sonia<sub>i</sub> saw Marisa<sub>j</sub> while SHE<sub>i,j</sub> was brushing her<sub>i,j</sub> teeth.*

Para ambas as línguas, foi solicitado que falantes nativos e aprendizes resolvessem casos de ambiguidade em relação ao sujeito da oração subordinada. Os dados em relação às respostas sobre quem era o sujeito das orações em inglês estão organizados na Tabela 1, a seguir:

Tabela 1 – Resultados de Valenzuela, Liceras e Morelos (%).

	Nativos			Não nativos		
	Sujeito	Complemento	Nenhum	Sujeito	Complemento	Nenhum
Anáfora sem ênfase	49	49	2	64	32	4
Anáfora com ênfase	41	59	0	40	50	10

Fonte: elaborada pelos autores com base em Valenzuela, Liceras e Morelos (2011).

Decidiu-se, portanto, investigar com falantes nativos de inglês se o emprego enfático do pronome interferiria na identificação de seu antecedente. Ademais, o

estudo busca analisar se os aprendizes da língua são influenciados pela estratégia que utilizam em sua L1.

### 3 Metodologia<sup>2</sup>

Inspirados pelo estudo de Valenzuela, Liceras e Morelos (2011), elaborou-se um questionário com frases ambíguas em que, para cada frase, pedia-se que o estudante indicasse qual era o antecedente do sujeito da oração subordinada. Foram apresentadas sempre três alternativas: (i) o sujeito da oração principal; (ii) o complemento direto da oração principal; (iii) uma outra entidade, distinta quer do sujeito quer do complemento direto da oração principal.

Pretendeu-se, com a investigação, determinar se haveria diferenças nas estratégias de resolução da ambiguidade intrafrásica dependendo das seguintes variáveis: (i) L1 português, inglês ou espanhol; (ii) L2 inglês ou espanhol; (iii) situação de anáfora ou catáfora; (iv) pronome ou elipse (no caso da língua inglesa, pronome com ou sem ênfase); (v) influência ou não da relação entre os verbos. Optou-se pela distinção entre o uso ou não da ênfase nos pronomes em inglês, utilizada anteriormente por Valenzuela, Liceras e Morelos (2011), de modo a determinar se os aprendizes de língua inglesa interpretam a diferença entre elipse e pronome em português como equivalente à diferença entre emprego enfático/não enfático do pronome em inglês. Como os estudos revistos não analisaram a influência das escolhas lexicais para a resolução de ambiguidade anafórica, decidimos considerar tal variável na elaboração das frases.

Este estudo contou com uma pequena amostra de conveniência. Até o momento, a pesquisa foi realizada com 52 participantes, sendo 23 estudantes de uma universidade portuguesa e 29 estudantes de uma universidade brasileira, com idades

---

<sup>2</sup> Uma vez que esta investigação é uma continuação de Bruscato e Baptista (no prelo), os métodos aplicados foram os mesmos.

compreendidas entre os 19 e os 36 anos e maioria do gênero feminino (7/10). A média de idade foi em torno de 23 anos, com desvio-padrão de 4 anos.

Entre os participantes, 5 eram nativos da língua espanhola e 5 eram nativos da língua inglesa, todos estudantes e residentes em Portugal há menos de um ano. Havia 8 mulheres e 2 homens, sendo 8 oriundos da América<sup>3</sup>, 1 da Nova Zelândia e 1 da Espanha. Com exceção dos 10 estudantes estrangeiros, todos os outros participantes cursavam o quinto semestre das licenciaturas em línguas. Dos 13 portugueses, 7 estudavam espanhol, 10 inglês (6 participantes estudavam tanto inglês como espanhol), e 2 francês. Dos 29 brasileiros, 7 estudavam espanhol, e 22 inglês.

O questionário aplicado era composto por 16 frases ambíguas, que apresentavam dois possíveis antecedentes do mesmo gênero (*e.g.*, *Mateus assediou Jorge quando ele o entrevistou*); e por 4 frases não ambíguas, que, devido à restrição de gênero, tinham apenas um antecedente possível (*e.g.*, *Diana beijou Daniel quando o visitou*). As frases não ambíguas foram utilizadas como frases de controle para perceber se os participantes estavam efetivamente atentos ao questionário e empenhados em sua resolução.

A ordem de apresentação das frases era aleatória, de modo que não houvesse interferência dos investigadores nessa escolha, mas sempre a mesma para todos os participantes, de forma que o fator ordem de apresentação não interferisse na elicitación das respostas. Das 20 frases elaboradas para cada língua, 10 eram casos de anáfora e 10 de catáfora. Enquanto 5 anáforas e 5 catáforas eram realizadas por elipse em português e espanhol e por pronome pessoal não enfático em inglês; as outras 5 anáforas e 5 catáforas eram realizadas por pronome pessoal não enfático em português e espanhol e por pronome enfático em inglês, como se vê no apêndice deste artigo.

---

<sup>3</sup> Segundo Toribio (2000), o espanhol do Caribe difere das outras variedades em relação ao Parâmetro do Sujeito Nulo. Nesta pesquisa, não participaram falantes dessa variedade.

Para a seleção dos verbos que foram utilizados na construção destas frases, utilizou-se a base de dados de construções léxico-sintáticas de verbos do português europeu ViPEr (BAPTISTA, 2013), da qual foram selecionados os verbos da classe 32H, ou seja, os que apresentam apenas sujeito e complemento direto, ambos obrigatoriamente humanos. Foram selecionados 16 verbos não ambíguos desta classe, que se construía com sujeito agente genérico e complemento direto paciente, os quais foram utilizados para a elaboração das frases ambíguas. Visto que, na classe 32H, muitos verbos denotam atos violentos, para as frases de controle foram utilizados 4 verbos de outras classes, de modo a “suavizar” a leitura do questionário.

Todas as orações principais foram construídas com um nome de pessoa em posição de sujeito, um verbo no pretérito perfeito e outro nome de pessoa em posição de complemento direto; nas orações subordinadas, empregou-se a conjunção temporal *quando/cuando/when*, um pronome pessoal reto de 3ª pessoa singular ou a sua elipse, outro verbo no pretérito perfeito e um pronome pessoal clítico de 3ª pessoa singular. As frases foram inicialmente escritas em português e, então, traduzidas ao espanhol e ao inglês. Conforme dito no início da seção, para cada frase perguntava-se quem era o sujeito do verbo da oração subordinada, e eram oferecidas três respostas alternativas: o nome em posição de sujeito da oração principal, o nome em posição de complemento direto da oração principal ou um outro referente. Apesar de a maioria dos estudos anteriores considerarem apenas as primeiras duas opções, com base nos resultados apresentados por Sorace e Filiaci (2006), decidiu-se acrescentar esta terceira alternativa. A seguir apresenta-se um exemplo de questão:

(11) *Mateus assediou Jorge quando ele o entrevistou.*

*Quem entrevistou?*

a) *Mateus*

b) *Jorge*

c) *Outra pessoa*

De modo a identificar possíveis influências das relações de sentido entre os verbos sobre a resolução de ambiguidade, construiu-se metade dos exemplos com pares de verbos considerados como “neutros” relativamente à interpretação anafórica, e a outra metade, na falta de melhor termo, foi considerada “tendenciosa”, isto é, pares em que a relação de sentido entre os verbos parece interferir na interpretação da anáfora. Assim, em (11), parece igualmente possível que o sujeito ou o complemento direto do verbo *assediar* possa ser o sujeito do verbo *entrevistar*. Esta frase, portanto, foi considerada neutra. Observe-se em contrapartida os seguintes exemplos de questões:

(12) *Júlia desrespeitou Paula quando a traiu.*

*Quem traiu?*

- a) *Júlia*
- b) *Paula*
- c) *Outra pessoa*

(13) *Laura subornou Lúcia quando ela a multou.*

*Quem multou?*

- a) *Laura*
- b) *Lúcia*
- c) *Outra pessoa*

Em (12), parece mais provável que o sujeito do verbo *trair* seja interpretado como correferente ao sujeito do verbo *desrespeitar*, ou seja, *Júlia*. Já em (13), parece mais provável que o sujeito do verbo *multar* seja interpretado como correferente ao complemento direto do verbo *subornar*, ou seja, *Lúcia*. Ao invés de tentar evitar tais possíveis influências, buscou-se analisar se a relação de sentido estabelecida entre os verbos das orações poderia influenciar a resolução da ambiguidade nas três línguas deste estudo, quer como L1, quer como L2.

O questionário foi aplicado *online* durante o mês de novembro de 2019 em Portugal e durante o mês de março de 2020 no Brasil. A investigadora visitou as salas

de aula para pedir a participação dos estudantes na pesquisa e cada professor enviou o *link* por e-mail a seus alunos. A participação no questionário foi voluntária e anônima. A pesquisa foi autorizada pelos respectivos comitês das universidades, e os dados sociodemográficos solicitados foram os seguintes: gênero, idade, variedade da primeira língua (L1), número de anos de permanência em Portugal para os estudantes estrangeiros, língua de estudo na universidade (L2) e autoavaliação do nível de proficiência em compreensão escrita na segunda língua.

Com exceção dos estudantes estrangeiros, que responderam apenas ao questionário em L1, os outros participantes responderam ao questionário em L1, a um breve teste de compreensão escrita e ao questionário em L2. As questões de compreensão escrita estiveram de acordo com os descritores dos níveis do Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas (QECR) (COUNCIL OF EUROPE, 2018) especificados para o português no *Referencial Camões*<sup>4</sup>, para o espanhol no *Plan Curricular del Instituto Cervantes*<sup>5</sup> e para o inglês no *English Profile*<sup>6</sup>, e serviram para identificar se o conhecimento geral da língua poderia interferir na resolução de ambiguidade anafórica em L2. Foram apresentadas 20 frases em cada língua com algum elemento faltando, que era geralmente o verbo ou a preposição regida pelo verbo, distribuídas equilibradamente pelos níveis A2, B1, B2 e C1. Para cada questão havia 4 opções e a alternativa *Não sei*, de modo a evitar que os estudantes dessem uma resposta ao acaso.

Embora a participação na pesquisa fosse anônima, no final do questionário, quem assim o desejasse poderia escrever seu nome e e-mail para contato, a fim de receber informações sobre os resultados do estudo. Cerca de 2/3 dos participantes solicitaram que lhes fossem enviados os resultados da pesquisa.

---

<sup>4</sup> [https://www.instituto-camoes.pt/images/REFERENCIAL\\_ebook.pdf](https://www.instituto-camoes.pt/images/REFERENCIAL_ebook.pdf) (Acesso em 15 de janeiro de 2021). Todas as páginas acessadas neste artigo foram confirmadas no dia 15 de janeiro de 2021.

<sup>5</sup> [https://cvc.cervantes.es/ensenanza/biblioteca\\_ele/plan\\_curricular/](https://cvc.cervantes.es/ensenanza/biblioteca_ele/plan_curricular/)

<sup>6</sup> <https://www.englishprofile.org/english-grammar-profile/egp-online>

## 4 Resultados

Devido ao pequeno tamanho da amostra, decidimos apresentar os resultados em tabelas (construídas no software SPSS v.26 (IBM, 2019)), comparando os dados obtidos com falantes de português brasileiro, português europeu, inglês e espanhol como L1 e L2. Sem o objetivo de generalizar os resultados, optamos por não realizar análises estatísticas.

De modo a comparar os dados obtidos com os estudantes brasileiros aos dados obtidos com os estudantes portugueses, foram considerados para análise apenas os participantes que cumpriram os requisitos dos grupos utilizados na pesquisa anterior. Os estudantes de espanhol obtiveram uma melhor média no teste de proficiência, sendo classificados como aprendizes avançados (mínimo de 16/20). Já as turmas de língua inglesa obtiveram pontuações menores. Para tornar os grupos mais homogêneos em relação ao nível de proficiência, suas respostas foram divididas em dois grupos: um de nível intermédio, que acertou entre 9 e 15 questões no teste de proficiência, e outro de nível avançado, que acertou entre 16 e 20 questões, como se vê na Tabela 2.

Tabela 2 – Testes de proficiência.

	Estudantes Portugueses			Estudantes Brasileiros		
	N	média	desv.	N	média	desv.
Espanhol Avançado	7	18,1	1,0	7	17,8	0,9
Inglês Avançado	5	17,8	1,3	6	17,1	1,3
Inglês Intermédio	5	12,2	2,3	16	12,1	2,2
Inglês Total	10	15,0	3,4	22	13,5	3

Fonte: elaborada pelos autores.

A seguir serão apresentadas as tabelas com as porcentagens de respostas dos nativos e aprendizes de cada língua para a resolução de anáfora nas seguintes situações:

- de anáfora (a expressão anafórica vem depois do antecedente) e de catáfora (a expressão anafórica vem antes do “antecedente”);
- em que a anáfora é realizada com recurso a pronome (não enfático) ou por meio de elipse (anáfora zero), em português e espanhol; no caso do inglês, recorrendo ou a um pronome enfático ou um pronome não enfático;
- com as expressões anafóricas na oração subordinada correferentes ao sujeito da oração principal, ou ao seu complemento, ou ainda a um outro referente;
- em frases “neutras” ou “tendenciosas”, isto é, em que se presume que a escolha lexical dos verbos das duas orações é determinante para a tarefa.

De modo a destacar nas tabelas a Estratégia da Posição do Antecedente (CARMINATI, 2002), os resultados que relacionam, por um lado, a anáfora zero (em inglês, a anáfora pronominal sem ênfase) ao sujeito da oração principal e, por outro lado, a anáfora pronominal (em inglês, anáfora pronominal com ênfase) ao complemento da oração principal aparecerão em **negrito**. Quando nenhum participante houver identificado o sujeito da oração subordinada adverbial como correferente a uma entidade (outro) distinta do sujeito e do complemento da oração principal, esta alternativa será omitida nas tabelas.

Inicialmente, serão apresentados e discutidos os resultados obtidos acerca da resolução de ambiguidade anafórica em português.

Tabela 3 – Frases neutras em português (%).

		Portugueses (N=13)		Brasileiros (N=29)		
		Sujeito	Complemento	Sujeito	Complemento	Outro
Anáfora	Pronominal	19,0	<b>81,0</b>	34,4	<b>65,6</b>	0
	Zero	<b>65,4</b>	34,6	<b>82,7</b>	17,3	0
Catáfora	Pronominal	34,6	<b>65,4</b>	43,1	<b>55,2</b>	1,7
	Zero	<b>84,6</b>	15,4	<b>87,9</b>	12,1	0

Fonte: elaborada pelos autores.



Nas frases neutras em língua portuguesa (Tabela 3), observa-se que os falantes das duas variedades da língua parecem seguir a estratégia preconizada pela Estratégia da Posição do Antecedente (elipse para retomar o sujeito da oração principal e pronome para retomar o complemento). No entanto, os portugueses parecem relacionar o pronome mais ao complemento da oração principal do que os brasileiros, os quais, por sua vez, relacionam a elipse mais ao sujeito do que os portugueses.

Os falantes de ambas as variedades relacionam predominantemente o pronome ao complemento da oração principal, mas de forma mais expressiva nos casos de anáfora do que nas situações de catáfora. Já a interpretação da elipse como correferente ao sujeito da oração principal parece ser mais evidente nos casos de catáfora do que de anáfora, especialmente para os estudantes portugueses. Uma possível interpretação poderia ser a hipótese de que, como a catáfora parece exigir um processamento mental mais complexo do que a anáfora, os falantes sejam influenciados não somente pela posição sintática do antecedente, mas por sua ordem de aparecimento, como previsto pela hipótese de Mecanismo de Busca Ativa (KAZANINA *et al.*, 2007).

Em relação às frases tendenciosas, decidiu-se criar 8 frases em que a interação semântica do par de verbos envolvidos parecia determinar uma interpretação preferencial para a anáfora. Das 8 frases, metade (2 frases com anáfora zero e 2 com catáfora pronominal) sugeria uma preferência na interpretação do sujeito da oração subordinada como correferente ao sujeito da oração principal, enquanto a outra metade (2 frases com anáfora pronominal e 2 com catáfora zero) sugeria uma preferência na interpretação do sujeito da oração subordinada como correferente ao complemento da oração principal. As preferências sugeridas estão marcadas nas tabelas com asterisco (\*). Uma vez mais, os casos que correspondem à Estratégia da Posição do Antecedente estão marcados em **negrito**.

Tabela 4 – Frases tendenciosas em português (%).

		Portugueses (N=13)			Brasileiros (N=29)	
		Sujeito	Complemento	Outro	Sujeito	Complemento
Anáfora	Pronominal	0	<b>100*</b>	0	6,8	<b>93,2*</b>
	Zero	<b>84,6*</b>	15,4	0	<b>94,8*</b>	5,2
Catáfora	Pronominal	69,0*	<b>27,0</b>	4,0	67,2*	<b>32,8</b>
	Zero	<b>50,0</b>	50,0*	0	<b>62,0</b>	38,0*

Fonte: elaborada pelos autores.

Em relação às frases tendenciosas em língua portuguesa (Tabela 4), nos casos de anáfora volta-se a observar a mesma tendência vista anteriormente na Tabela 3, nomeadamente a preferência pela correferência ao complemento no caso de anáfora pronominal e a correferência ao sujeito no caso de anáfora zero. Não se verificam, de modo geral, diferenças assinaláveis entre os estudantes de cada variedade. Os resultados para a situação de catáfora nas frases tendenciosas, no entanto, são distintos, visto que tendiam a uma interpretação contrária à da estratégia da posição do antecedente. Em comparação às frases neutras da Tabela 3, a relação semântica entre os verbos das frases tendenciosas parece ter influenciado os resultados, especialmente para os falantes portugueses. Em relação à catáfora zero, apesar de a interação semântica entre os verbos sugerir a correferência do sujeito elidido ao complemento da oração principal, não houve maioria de respostas para a alternativa do complemento. Novamente, tal resultado pode estar relacionado à hipótese de Mecanismo de Busca Ativa, uma vez que o sujeito aparece como o primeiro “antecedente” possível após o elemento catafórico.

Tabela 5 – Frases neutras em espanhol (%).

		Nativos (N=5)			Portugueses (N=7)			Brasileiros (N=7)	
		Suj.	Comp.	Outro	Suj.	Comp.	Outro	Suj.	Comp.
Anáf.	Pron.	30,0	<b>70,0</b>	0	14,3	<b>85,7</b>	0	35,7	<b>64,3</b>
	Zero	<b>80,0</b>	20,0	0	<b>64,3</b>	35,7	0	<b>92,8</b>	7,2
Catáf.	Pron.	50,0	<b>40,0</b>	10,0	14,3	<b>78,6</b>	7,1	50,0	<b>50,0</b>
	Zero	<b>80,0</b>	20,0	0	<b>50,0</b>	50,0	0	<b>64,3</b>	35,7

Fonte: elaborada pelos autores.

Em língua espanhola, nas frases neutras (Tabela 5), novamente, os portugueses relacionaram mais vezes do que os brasileiros o pronome ao complemento, enquanto os brasileiros relacionaram mais vezes do que os portugueses a elipse ao sujeito. Percebe-se que os três grupos de falantes geralmente seguem a estratégia da posição do antecedente para os casos de anáfora, mas, para os casos de catáfora, a estratégia não é tão evidente. Apesar de o pronome catafórico, de acordo com a estratégia da posição do antecedente, ser utilizado em posição de sujeito da oração subordinada para retomar o complemento da oração principal (e.g., *Cuando ella la contrató, María abrazó a Juana*; Q: *¿Quién contrató?* R: *Juana*), os falantes nativos de espanhol e os aprendizes brasileiros não demonstraram uma preferência clara por esta estratégia: 50% dos nativos escolheram o sujeito (*María*), 40% o complemento (*Juana*) e 10% um outro referente; 50% dos brasileiros escolheram o sujeito e 50% o complemento. Pelo contrário, os portugueses aparentaram seguir mais a estratégia da posição do antecedente, relacionando 78,6% dos casos de catáfora pronominal ao complemento da oração principal. Note-se que apenas para situação de catáfora pronominal houve a escolha de outro referente que não fosse nem o sujeito nem o complemento da oração principal, ainda que esta percentagem não pareça significativa. Como dito em relação às frases em português (ver comentários das tabelas 3 e 4), nas frases em espanhol é possível que a estratégia de Mecanismo de Busca Ativa tenha influenciado os falantes

nativos e os brasileiros, que apresentaram respostas mais semelhantes entre si, do que os falantes portugueses.

Tabela 6 – Frases tendenciosas em espanhol (%).

		Nativos (N=5)		Portugueses (N=7)		Brasileiros (N=7)	
		Sujeito	Comp.	Sujeito	Comp.	Sujeito	Comp.
Anáfora	Pron.	0	100*	7,1	92,9*	28,5	71,5*
	Zero	100*	0	85,7*	14,3	100*	0
Catáfora	Pron.	100*	0	71,4*	28,6	85,7*	14,3
	Zero	20,0	80,0*	85,7	14,3*	57,1	42,9*

Fonte: elaborada pelos autores.

Nas frases tendenciosas em espanhol (Tabela 6), vê-se que os falantes nativos terão sido muito influenciados pela relação semântica entre os verbos, havendo praticamente uma unanimidade nas respostas (80% nos casos de catáfora zero e 100% nas outras situações). Comparando com os resultados da Tabela 5, se os portugueses tivessem seguido a mesma estratégia de resolução da catáfora pronominal (e.g., *Cuando ella la traicionó, Julia irrespetó a Paula. Q: ¿Quién traicionó? R: Julia*), seria esperado que indicassem o complemento como antecedente do pronome *ella*. No entanto, os aprendizes escolheram o sujeito, o que sugere que foram influenciados pela relação semântica entre os verbos. Contudo, na situação de catáfora zero (e.g., *Cuando la multó, Laura sobornó a Lucía., Q: ¿Quién multó? R: Lucía*), ao invés de seguirem a sugestão resultante do significado dos dois verbos, os falantes de português escolheram para antecedente da elipse o sujeito da oração principal (*Laura*). Visto que o primeiro elemento candidato a antecedente da elipse é também o sujeito da oração principal, a sua escolha poderia corresponder tanto à adoção da estratégia da posição do antecedente como à do mecanismo de busca ativa. No entanto, como em ambos os casos de catáfora nas frases tendenciosas houve a preferência pela correferência ao sujeito, os falantes de português parecem ter sido influenciados pelo Mecanismo de Busca Ativa. Se tivessem sido influenciados pela estratégia da posição do antecedente,

nas situações de catáfora pronominal teriam preferido o complemento, à semelhança do que fizeram no caso das frases neutras (Tabela 5), o que não foi o caso.

Tabela 7 – Frases neutras em inglês (%).

		Nativos (N=5)		Portugueses (N=10)				Brasileiros (N=22)				
				Avançados (N=5)		Intermédios (N=5)		Avançados (N=6)		Intermédios (N=16)		
		Suj.	Comp.	Suj.	Comp.	Suj.	Comp.	Suj.	Comp.	Suj.	Comp.	Out.
Anáf.	Com ênf.	100	0	40,0	60,0	60,0	40,0	50,0	50,0	46,9	53,1	0
	Sem ênf.	90,0	10,0	70,0	30,0	60,0	40,0	41,7	58,3	56,3	43,7	0
Catáf.	Com ênf.	90,0	10,0	40,0	60,0	50,0	50,0	41,7	58,3	65,6	31,3	3,1
	Sem ênf.	100	0	80,0	20,0	60,0	40,0	50,0	50,0	46,9	53,1	0

Fonte: elaborada pelos autores.

Relativamente às frases neutras em língua inglesa (Tabela 7), enquanto os falantes nativos interpretaram praticamente todos os sujeitos das orações subordinadas como correferentes aos sujeitos das orações principais, tanto em situação de anáfora como de catáfora e independentemente de haver ênfase ou não nos pronomes, os aprendizes dividiram-se nas suas respostas. No grupo dos estudantes portugueses de nível avançado, para as frases com pronomes sem ênfase houve 70% (anáfora) ou 80% (catáfora) das respostas que indicaram correferência com o sujeito da oração principal. Já em todos os outros casos, tanto os aprendizes portugueses quanto os brasileiros não pareceram tão certos do que responder em inglês. Não se verificaram diferenças assinaláveis entre os grupos avançados e intermédios nas frases neutras.

Tabela 8 - Frases tendenciosas em inglês (%)

		Nativos (N=5)		Portugueses (N=10)				Brasileiros (N=22)			
				Avançados (N=5)		Intermédios (N=5)		Avançados (N=6)		Intermédios (N=16)	
		Suj.	Comp.	Suj.	Comp.	Suj.	Comp.	Suj.	Comp.	Suj.	Comp.
Anáf.	Com ênf.	60,0	<b>40,0*</b>	10,0	<b>90,0*</b>	20,0	<b>80,0*</b>	33,3	<b>66,7*</b>	34,4	<b>65,6*</b>
	Sem ênf.	<b>100*</b>	0	<b>70,0*</b>	30,0	<b>60,0*</b>	40,0	<b>58,3*</b>	41,7	<b>68,8*</b>	31,2
Catáf.	Com ênf.	100*	<b>0</b>	100*	<b>0</b>	60,0*	<b>40,0</b>	75,0*	<b>25,0</b>	59,4*	<b>40,6</b>
	Sem ênf.	<b>60,0</b>	40,0*	<b>90,0</b>	10,0*	<b>50,0</b>	50,0*	<b>33,3</b>	66,7*	<b>59,4</b>	40,6*

Fonte: elaborada pelos autores.

Vê-se na Tabela 8, referente às frases tendenciosas em língua inglesa, que em geral houve influência da relação semântica entre os verbos. Quando as frases tendenciosas sugeriam uma leitura do pronome como correferente ao complemento da oração principal, 40% dos falantes nativos escolheram tal opção. Apesar de não ser a maioria, é uma mudança significativa se comparada ao 0% de respostas para essa alternativa nos mesmos contextos em frases consideradas neutras (Tabela 7).

No entanto, dois dados parecem contradizer este padrão geral: os estudantes portugueses de nível avançado para as frases com catáfora sem ênfase parecem ter sido influenciados sobretudo pelo seu conhecimento sintático, escolhendo o sujeito em 90% das vezes; os estudantes brasileiros de nível intermédio também preferiram o sujeito 59,4%, relevando a interferência semântica dos verbos.

Por fim, observa-se que ambos os grupos de aprendizes avançados (brasileiros e portugueses) foram mais influenciados do que os aprendizes intermédios pela relação entre os verbos nos casos de catáfora com ênfase.

## 5 Considerações finais

Esta investigação dá continuidade um estudo piloto (BRUSCATO; BAPTISTA, no prelo), comparando os dados obtidos com falantes portugueses e brasileiros para a resolução de ambiguidade anafórica em português, inglês e espanhol. Suas respostas foram comparadas, também, às respostas de falantes nativos das línguas estrangeiras.

Esta análise foi baseada em um estudo realizado entre novembro de 2019 e março de 2020 com uma pequena amostra de 52 estudantes universitários no Brasil e em Portugal. Todos os aprendizes de inglês e espanhol estavam no quinto semestre da licenciatura em línguas.

Concluiu-se que os falantes de língua portuguesa parecem seguir a Estratégia da Posição do Antecedente, de relacionar a elipse na posição de sujeito da oração subordinada como correferente ao sujeito da oração principal e o pronome como correferente ao complemento. No entanto, a leitura do pronome em posição de sujeito da oração subordinada como correferente ao complemento da oração principal é menos evidente para os falantes brasileiros do que para os portugueses, especialmente nos casos de catáfora. Nas frases tendenciosas com catáfora zero, também se percebe certa resistência a interpretar a elipse como correferente ao complemento da oração principal. Tais resultados podem estar relacionados à hipótese do Mecanismo de Busca Ativa, que sugere, nos casos de catáfora, uma preferência pela correferência da expressão anafórica ao antecedente mais próximo.

O mesmo foi observado em relação à língua espanhola. Os falantes nativos, assim como os brasileiros, parecem ser influenciados pela hipótese do Mecanismo de Busca Ativa nos casos de catáfora pronominal. Esses dois grupos também apresentaram resultados mais semelhantes entre si quando comparados ao grupo de falantes portugueses. Nas frases tendenciosas, os falantes nativos parecem ser mais influenciados pela relação semântica entre os verbos do que os aprendizes.

Por fim, em relação à língua inglesa, percebe-se que os falantes nativos tendem a interpretar o pronome em posição de sujeito da oração subordinada como correferente ao sujeito da oração principal, independentemente da ordem das orações e da existência ou não de ênfase pronominal. Os aprendizes, no entanto, mostraram-se geralmente indecisos quanto à melhor alternativa. Como nas outras línguas, a relação semântica entre os verbos comprovou-se relevante para a escolha do

antecedente. Mesmo para os falantes nativos, esta influência é relevante, ainda que a maioria das respostas não corresponda à interpretação esperada.

Apesar de, em geral, os participantes escolherem apenas como antecedentes ou o sujeito ou o complemento da oração principal, nas frases com catáfora pronominal em português e espanhol e nas frases com catáfora com ênfase em inglês verificou-se a escolha de um outro antecedente não correferente aos dois constituintes das frases. A inversão da ordem das orações, portanto, parece dificultar a resolução de ambiguidade.

A pesquisa desenvolvida contribui para o estado da arte não apenas por explicitar critérios para a construção das frases de teste e por realizar um estudo comparativo em três línguas, mas também por tentar demonstrar com dados quantitativos que a relação de sentido entre os verbos também influencia a resolução da ambiguidade. Posteriormente, os dados obtidos neste estudo serão comparados aos dados de uma amostra maior, de modo a verificar a consistência dos resultados.

## Agradecimentos

Agradecemos a todas as pessoas que contribuíram para este estudo ao responder ou divulgar o questionário, bem como às instituições onde foi realizada a pesquisa, a Universidade do Algarve e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Também agradecemos à Professora Elena Valenzuela, pela disponibilização de material de sua investigação, em parte do qual nos inspiramos para este trabalho. Parte da participação de Jorge Baptista neste trabalho foi financiada com fundos públicos pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (ref. UIDB/50021/2020).

## Referências Bibliográficas

AKMAJIAN, A.; JACKENDOFF, R. Coreferentiality and stress. *Linguistic inquiry*, v. 1, n. 1, p. 124-126, 1970.

ALMOR, A. Noun-phrase anaphora and focus: The informational load hypothesis. *Psychological review*, v. 106, n. 4, p. 748-765, 1999. DOI <https://doi.org/10.1037/0033-295X.106.4.748>



ALONSO-OVALLE, L.; FERNÁNDEZ-SOLERA, S.; FRAZIER, L.; CLIFTON, C. Null vs. overt pronouns and the topic-focus articulation in Spanish. **Italian Journal of Linguistics**, v. 14, p. 151-170, 2002.

ARIEL, M. **Accessing noun-phrase antecedents**. Routledge, 1990.

BAPTISTA, J. ViPer: uma base de dados de construções léxico-sintáticas de verbos do Português Europeu. **Actas do XXVIII Encontro da APL-Textos Selecionados**, p. 111-129, 2013.

BRUSCATO, A. M.; BAPTISTA, J. Resolução de ambiguidade anafórica em português, inglês e espanhol (estudo-piloto). **Alfa**, no prelo.

CABANA, N. **Da realização do sujeito no Português do Brasil: um estudo em tempo real do uso do sujeito nulo na fala de Belo Horizonte/MG**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais, 2004.

CARMINATI, Maria. **The processing of Italian subject pronouns**. Tese de doutoramento, University of Massachusetts, 2002.

CHAMBERS, C. G.; SMYTH, R. Structural parallelism and discourse coherence: A test of centering theory. **Journal of Memory and Language**, v. 39, n. 4, p. 593-608, 1998. DOI <https://doi.org/10.1006/jmla.1998.2575>

CHOMSKY, N. **Lectures on Government and Binding: The Pisa Lectures**. Dordrecht: Foris, 1981.

COUNCIL OF EUROPE. **Common European Framework of Reference for Languages: Learning, teaching, assessment**. Companion volume with new descriptors. Strasbourg: Council of Europe Publishing, 2018.

CRAWLEY, R. A.; STEVENSON, R. J.; KLEINMAN, D. The use of heuristic strategies in the interpretation of pronouns. **Journal of Psycholinguistic Research**, v. 19, n. 4, p. 245-264, 1990. DOI <https://doi.org/10.1007/BF01077259>

DUARTE, M. **A perda do princípio “evite pronome” no português brasileiro**. Tese de doutorado, Universidade Estadual de Campinas, 1995.

DUARTE, M. The loss of the ‘avoid pronoun’ principle in Brazilian Portuguese. *In*: KATO, M. A.; NEGRÃO, E. V. (ed.). **Brazilian Portuguese and the null subject**

**parameter.** Madrid: Iberoamericana, p. 17-36, 2000. DOI <https://doi.org/10.31819/9783964561497-002>

GERNSBACHER, M. A.; HARGREAVES, D. J. Accessing sentence participants: The advantage of first mention. **Journal of memory and language**, v. 27, n. 6, p. 699-717, 1988. DOI [https://doi.org/10.1016/0749-596X\(88\)90016-2](https://doi.org/10.1016/0749-596X(88)90016-2)

GORDON, P. C.; GROSZ, B. J.; GILLIOM, L. A. Pronouns, names, and the centering of attention in discourse. **Cognitive science**, v. 17, n. 3, p. 311-347, 1993. DOI [https://doi.org/10.1207/s15516709cog1703\\_1](https://doi.org/10.1207/s15516709cog1703_1)

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. **Cohesion in English**. London: Longman, 1976.

HOLMBERG, A.; NAYUDU, A.; SHEEHAN, M. Three partial null-subject languages: a comparison of Brazilian Portuguese, Finnish and Marathi. **Studia Linguistica**, v. 63, n. 1, p. 59-97, 2009. DOI <https://doi.org/10.1111/j.1467-9582.2008.01154.x>

HUANG, Y. **Anaphora: A Cross-Linguistic Study**. Oxford: Oxford University Press, 2000.

IBM Corporation. **IBM SPSS Statistics for Windows, version 26**. Armonk: IBM Corporation, 2019.

KATO, M. A.; NEGRÃO, E. V. (ed.). **Brazilian Portuguese and the null subject parameter**. Vervuert, 2000. DOI <https://doi.org/10.31819/9783964561497>

KAZANINA, N.; LAU, E. F.; LIEBERMAN, M.; YOSHIDA, M.; PHILLIPS, C. The effect of syntactic constraints on the processing of backwards anaphora. **Journal of Memory and Language**, v. 56, n. 3, p. 384-409, 2007. DOI <https://doi.org/10.1016/j.jml.2006.09.003>

KEMPCHINSKY, P. Brazilian Portuguese and the null subject parameter. **Mester**, v. 13, n. 2, 1984.

LEVINSON, S. C. Pragmatics and the grammar of anaphora: A partial pragmatic reduction of binding and control phenomena. **Journal of linguistics**, v. 23, n. 2, p. 379-434, 1987. DOI <https://doi.org/10.1017/S0022226700011324>

LEZAMA, C. **Processing repeated names, overt pronouns, and null reference in Spanish**. Tese de doutoramento, University of South Carolina, 2008.

LOBO, M.; SILVA, C. G. de A. G. da. Ambiguidade pronominal em orações adverbiais do Português Europeu. **Revista da Associação Portuguesa de Linguística**, vol. 2, n. 2, p. 319-338, 2016. DOI <https://doi.org/10.21747/2183-9077/rapl2a14>

LUJÁN, M. Stress and binding of pronouns. **Chicago Linguistic Society**, vol. 22, n. 2, p. 248-262, 1986.

MAIA, J. **O processamento de expressões correferenciais em português**. Tese de doutoramento, Universidade Federal de Minas Gerais, 2013.

NASCENTES, A. **Dicionário etimológico da língua portuguesa. 2 vol.** Rio de Janeiro: Oficinas gráficas do Jornal do Comércio, 1955.

RIZZI, L. **Issues in Italian Syntax**. Dordrecht: Foris, 1982. DOI <https://doi.org/10.1515/9783110883718>

SORACE, A.; FILIACI, F. Anaphora resolution in near-native speakers of Italian. **Second Language Research**, v. 22, n. 3, p. 339-368, 2006. DOI <https://doi.org/10.1191/0267658306sr271oa>

SZWEDEK, A. The role of sentence stress in the interpretation of coreferentiality in English and Polish. In: FISIAK, J. (ed.) **Theoretical Issues in Contrastive Linguistics**. Amsterdam: John Benjamins Publishing, p. 377-387, 1980. DOI <https://doi.org/10.1075/cilt.12.30szw>

TARALLO, F. Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além-mar ao final do século XIX. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (org.). **Português Brasileiro: uma viagem diacrônica**. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

TORIBIO, A. J. Setting parametric limits on dialectal variation in Spanish. **Lingua**, v. 110, n. 5, p. 315-341, 2000. DOI [https://doi.org/10.1016/S0024-3841\(99\)00044-3](https://doi.org/10.1016/S0024-3841(99)00044-3)

VALENZUELA, E.; LICERAS, J. M.; LÓPEZ-MORELOS, P. Ambiguous anaphora in L2 English and L2 Spanish. **Boston University Conference on Language Development**. 2011.

VAN GOMPEL, R. P. G; LIVERSEDGE, S. P. The influence of morphological information on cataphoric pronoun assignment. **Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory, and Cognition**, v. 29, n. 1, p. 128-139, 2003. DOI <https://doi.org/10.1037/0278-7393.29.1.128>

## Anexos

### Frases em português

1. Ana insultou Carolina quando ela a chantageou.
2. Quando a chantageou, Ana insultou Carolina.
3. Maria abraçou Joana quando a contratou.
4. Quando ela a contratou, Maria abraçou Joana.
5. António estrangulou Carlos quando o torturou.
6. Quando ele o torturou, António estrangulou Carlos.
7. Mateus assediou Jorge quando ele o entrevistou.
8. Quando o entrevistou, Mateus assediou Jorge.
9. Júlia desrespeitou Paula quando a traiu.
10. Quando ela a traiu, Júlia desrespeitou Paula.
11. Laura subornou Lúcia quando ela a multou.
12. Quando a multou, Laura subornou Lúcia.
13. João algemou Pedro quando o sequestrou.
14. Quando ele o sequestrou, João algemou Pedro.
15. Lucas castigou Luís quando ele o confrontou.
16. Quando o confrontou, Lucas castigou Luís.
17. Artur ajudou Alice quando ela o chamou.
18. Quando o chamou, Artur ajudou Alice.
19. Diana beijou Daniel quando o visitou.
20. Quando ela o visitou, Diana beijou Daniel.

### Frases em espanhol

1. Ana insultó a Carolina cuando ella la chantajeó.
2. Cuando la chantajeó, Ana insultó a Carolina.
3. María abrazó a Juana cuando la contrató.
4. Cuando ella la contrató, María abrazó a Juana.
5. Antonio estranguló a Carlos cuando lo torturó.
6. Cuando él lo torturó, Antonio estranguló a Carlos.
7. Mateus acosó a Jorge cuando él lo entrevistó.
8. Cuando lo entrevistó, Mateus acosó a Jorge.
9. Julia irrespetó a Paula cuando la traicionó.
10. Cuando ella la traicionó, Julia irrespetó a Paula.
11. Laura sobornó a Lucía cuando ella la multó.
12. Cuando la multó, Laura sobornó a Lucía.
13. Juan esposó a Pedro cuando lo secuestró.
14. Cuando él lo secuestró, Juan esposó a Pedro.
15. Lucas castigó a Luís cuando él lo confrontó.
16. Cuando lo confrontó, Lucas castigó a Luís.
17. Arturo ayudó a Alice cuando ella lo llamó.
18. Cuando lo llamó, Arturo ayudó a Alice.
19. Diana besó a Daniel cuando lo visitó.
20. Cuando ella lo visitó, Diana besó a Daniel.

### Frases em inglês

1. Anna insulted Carolina when SHE blackmailed her.
2. When she blackmailed her, Anna insulted Carolina.

3. Mary hugged Joanna when she hired her.
4. When SHE hired her, Mary hugged Joanna.
5. Anthony strangled Carl when he tortured him.
6. When HE tortured him, Anthony strangled Carl.
7. Matthew harassed George when HE interviewed him.
8. When he interviewed him, Matthew harassed George.
9. Julia disrespected Paula when she betrayed her.
10. When SHE betrayed her, Julia disrespected Paula.
11. Laura bribed Lucy when SHE fined her.
12. When she fined her, Laura bribed Lucy.
13. John handcuffed Peter when he kidnapped him.
14. When HE kidnapped him, John handcuffed Peter.
15. Luke castigated Louis when HE confronted him.
16. When he confronted him, Luke castigated Louis.
17. Arthur helped Alice when SHE called him.
18. When she called him, Arthur helped Alice.
19. Diana kissed Daniel when she visited him.
20. When SHE visited him, Diana kissed Daniel.

Artigo recebido em: 18.01.2021

Artigo aprovado em: 02.03.2021